

---

RESUMO: A literatura e as outras artes, como campos férteis para a expressão de subjetividades, são espaços em que afloram diferentes afinidades LGBTQIA+, em seus mais diversos matizes. A partir desse pressuposto, mas focando especialmente a homossexualidade masculina, este artigo propõe uma análise comparada entre dois romances franceses: *O livro branco*, de Jean Cocteau, publicado pela primeira vez em 1928, e *O fim de Eddy*, de Édouard Louis, cuja primeira edição se deu em 2014. O objetivo aqui buscado é, pois, a demonstração das distâncias e aproximações dos dois romances, à luz das *Reflexões sobre a questão gay*, de Didier Eribon (2008), e de estudos sobre a literatura homoerótica, como Barcellos (2002) e Souza (2013).

PALAVRAS-CHAVE: Jean Cocteau. *O livro branco*. Édouard Louis. *O fim de Eddy*. Literatura homoerótica.

ABSTRACT: Literature and other arts forms, as fertile grounds for the expression of subjectivities, are areas in which different LGBTQIA+ affinities tend to show themselves in their most diverse and varied nuances. In light of this, but focusing on male homosexuality, this article reports on a comparative analysis of two French novels: *The White Paper*, by Jean Cocteau, first published in 1928, and *The End of Eddy*, by Édouard Louis, first released in 2014. The objective is to establish their divergences and convergences drawing on Didier Eribon's (2008) *Insult and the Making of the Gay Self [Réflexions sur la question gay]* and studies on homoerotic literature, such as Barcellos (2002) and Souza (2013).

KEYWORDS: Jean Cocteau. *The White Paper*. Édouard Louis. *The End of Eddy*. Homoerotic literature.

---

---

\* Prof. Me. de Língua Francesa da Universidade Federal de Sergipe e doutorando em Estudos da Tradução pelo PPG-LETRA / USP. ORCID: 0000-0002-3622-8192. E-mail: wellington.costa(AT)academico.ufs.br

## 1 Introdução

Relações *eróticas* entre personagens de mesmo sexo se fazem presentes na literatura e nas outras artes do Ocidente, implícita ou explicitamente, desde a Antiguidade, como por exemplo em Eurípedes, Platão, Xenofonte, Petrônio, Virgílio, Ovídio, nos vasos gregos ou nos afrescos de Pompeia. No entanto, essas ocorrências não foram sempre postas como uma questão identitária, ainda que analisadas anacronicamente possam compor, enquanto referências histórico-culturais, um imaginário acervo LGBTQIA+. O rigor de uma análise diacrônica ou mesmo sincrônica exigiria, por outro lado, um uso mais criterioso e estrito das categorias, desde a pederastia grega à cultura *gay*, passando pela emergência da homossexualidade no século XIX. De fato, as configurações sociais e as percepções de práticas amorosas e sexuais divergem quando situadas na História. Por isso, José Carlos Barcellos (2002) prefere trabalhar com o conceito de homoerotismo, pois o considera

muito útil, por vários motivos. Em termos de História e Crítica da cultura, tem a vantagem de não impor nenhum modelo predeterminado, permitindo assim que se respeitem as configurações que as relações entre homens assumem em cada contexto cultural, social ou pessoal específico. Em termos de Crítica Literária, é de vital importância para a análise de determinadas obras, precisamente por não impor a elas ou a seus personagens modelos ou identidades que lhes são estranhos. (p. 21)

Entretanto, desde o início do século XX, um teor cada vez mais reivindicativo de liberdade de ser, agir e expressar o desejo se tem manifestado nas criações artísticas, aproximando-se, pouco a pouco, das atuais questões LGBTQIA+. Se hoje uma abordagem crítica que leve esses aspectos em consideração parece mais aceitável e praticada, é preciso lembrar que não foi sempre assim.

A invisibilidade do desejo homoerótico não está presente apenas nos estudos históricos, como nos mostra Crompton; mas também nos estudos literários. Por muito tempo, a crítica especializada preferiu deixar de lado a presença do homoerotismo nas obras literárias, considerando esse desejo como um elemento sem importância para a análise crítica; principalmente em um tempo em que a análise da obra era, necessariamente, vinculada à biografia do escritor. Negar o homoerotismo da obra era também negar o desejo homoerótico de seu criador. Já que esse desejo era associado, comumente, à doença e ao crime, ele tornou-se um tabu para a crítica literária. (SOUZA, 2013, p. 76)

Neste artigo, não se pretende descartar o homoerotismo presente nas obras em estudo e suas implicações para além delas, nem a relação desse aspecto com a vida de seus autores, uma vez que foram escolhidos para análise dois romances franceses que se situam, mais ou menos confessadamente (ou ambigualmente), no campo das narrativas autobiográficas e autoficcionais.

Como uma variante da autobiografia, em que a narração de fatos reais se dá por um trabalho de escrita em liberdade, como prega Serge Doubrovsky, ou como ficcionalização no sentido de fabulação do “eu”, como quer Vincent Colonna, a autoficção compreende uma prática literária em que o autor assume sua identidade, por meio de uma atitude de indiscrição, despudor ou narcisismo. (COSTA, 2016, p. 102)

Os romances em questão são: *Le livre blanc* – doravante *O livro branco*<sup>1</sup> – de Jean Cocteau, publicado pela primeira vez em 1928, e *En finir avec Eddy Bellegueule* – doravante *O fim de Eddy*<sup>2</sup> – de Édouard Louis, cuja primeira edição se deu em 2014. Com o intuito de se discutir sobre as distâncias e aproximações dessas duas obras e de se refletir sobre as questões LGBTQIA+ que elas suscitam, será feita, em um primeiro momento, uma breve apresentação de seus contextos de publicação; ao que seguirá uma análise dos aspectos que envolvem o homoerotismo nelas contido, à luz das *Reflexões sobre a questão gay* de Didier Eribon (2008).

## **2 O livro branco e O fim de Eddy**

Em 1928, Jean Cocteau escreveu o prefácio de *J'adore*, livro de seu jovem amante Jean Desbordes, que fazia, então, a defesa pública da homossexualidade. Não bastasse esse prefácio, Cocteau se contrapôs a seu mentor espiritual, o filósofo católico Jacques Maritain, que havia feito uma crítica feroz contra a obra de Desbordes. O que parecia inadmissível a Maritain era, sem dúvida, o tema abordado, o mesmo de *O livro branco*, de cuja publicação tentou, em vão, dissuadir Cocteau:

---

<sup>1</sup> Para as citações neste trabalho, optou-se pela tradução de Aníbal Fernandes, publicada em 2010, pela editora Assírio & Alvim.

<sup>2</sup> A edição usada para citações, neste estudo, é a tradução de Francesca Angiolillo, de 2018, para Tusquets Editores.

Meu caro Jean, você não tem a consciência tranquila, por isso não me falou do seu projeto. Esse projeto é do diabo. Se *O livro branco* é o que dele me falou, publicando-o você faz um pacto com o diabo, uma mão de fogo segurá-lo-á pelo pulso e não o largará mais. Publicar sem nome do autor, 20 exemplares, isso não desculpa nada, é uma ilusão para adormecer os escrupulos. Em dois anos você publicará 200 exemplares, em cinco anos 10.000 e em edição popular. (E depois, esses 20 exemplares não serão baratos, eles custarão caro. Meu pobre Jean você não percebe que você vai vender a si mesmo.) Seria a primeira vez que você faria um ato público de adesão ao mal. Você se lembra de Wilde e de sua degradação até a morte<sup>3</sup>. (MARITAIN, 1993, p. 166, tradução minha)

Com efeito, *O livro branco* teve, em 1928, uma tiragem de apenas trinta e um exemplares, sem nome do autor nem do editor. Dois anos mais tarde, as Éditions du Signe publicaram uma nova edição, com tiragem de quatrocentos e cinquenta exemplares, ainda sem nome do autor, acrescida de dezoito desenhos homoeróticos e o *fac-símile* de uma página manuscrita (LINARÈS, 2006). Esses acréscimos, ao contrário do romance, foram assinados por Jean Cocteau. Na página manuscrita lê-se:

Foi dito que *O Livro Branco* é obra minha. Suponho ser este o motivo que levou ao pedido de eu o ilustrar, e o motivo por que o aceito. Dir-se-á que o seu autor conhece *Le Grand Écart* e não despreza o meu trabalho. Seja qual for o bem que eu pense deste livro – pudesse dar-se o caso de ser meu – não quereria assiná-lo porque tomaria a forma de uma autobiografia e reservo-me o direito de escrever a minha ainda mais singular. Contento-me, pois, em aprovar pela imagem este esforço anónimo que tende a desbravar um terreno ainda muito inculto. (COCTEAU *apud* FERNANDES, 2010, p. 16)

Não se encontra facilmente uma negação de autoria tão reveladora como essa, que mais parece uma confissão, não somente do ato, mas também de suas implicações: a relação estilística com *Le Grand Écart*, outro romance do autor; a relação com o seu trabalho de ilustrador, com a sua vida, que mereceria ser contada de maneira “ainda mais singular”, e a

---

<sup>3</sup> Mon cher Jean, vous n’avez pas la conscience tranquille, voilà pourquoi vous ne m’avez pas parlé de votre projet. Ce projet est du diable. Si *Le livre blanc* est ce qu’on m’en dit, en le publiant vous faites un pacte avec le diable, une main de feu vous tiendra au poignet et ne vous lâchera plus. Publier sans nom d’auteur, à 20 exemplaires, ça n’excuse rien, c’est une illusion pour endormir les scrupules. Dans deux ans vous publierez à 200 exemplaires, dans cinq ans à 10 000 et en édition populaire. (Et puis, ces 20 exemplaires ne seront pas donnés, ils coûteront cher. Mon pauvre Jean vous ne vous apercevez pas que vous allez vous vendre vous-même.) C’est la première fois que vous feriez un acte public d’adhésion au mal. Souvenez-vous de Wilde et de sa déchéance jusqu’à la mort. (MARITAIN, 1993, p. 166)

defesa do tema proibido que lhe era tão caro, o “muito inculto” terreno do desejo homoerótico. A despeito do que admitiu em suas correspondências, em seus diários, e de testemunhos de seus próximos, enquanto esteve vivo, Cocteau tampouco assinou a edição de 1949, nem disponibilizou o seu nome para a tradução à língua inglesa, feita por Austryn Wainhouse<sup>4</sup> em 1957. É interessante notar que *O livro branco* já teve três edições diferentes em língua portuguesa, todas elas publicadas em Portugal – a primeira de 1985, pela editora & Etc<sup>5</sup>; a segunda pela Assírio & Alvim, em 2010, e a terceira pela editora Sistema Solar, em 2015; estas duas com tradução de Aníbal Fernandes e as três trazendo a autoria de Jean Cocteau em suas respectivas capas, como já se fazia na França –, mas nenhuma tradução brasileira chegou aos catálogos das nossas editoras, até o momento<sup>6</sup>.

Como em *O livro branco*, que permaneceu oficialmente anônimo durante mais de três décadas, a autoria de *O fim de Eddy* também apresenta uma particularidade.

Foi escrevendo o relato da sua vida que Eddy Bellegueule, o superdotado, jovem bolsista de 21 anos, decidiu mudar de nome. Eddy tornou-se Edouard; Bellegueule deixou o lugar para Louis, “segundo nome da pessoa que eu mais amo no mundo”, ele explica, ruborizando-se, sentado em um café tranquilo do 11º distrito de Paris. Pois Eddy Bellegueule é ele. Um jovem alto, muito magro, tímido. Era. A mudança do nome civil, ele a fez ao mesmo tempo em que escrevia esse primeiro romance<sup>7</sup>. (SIMON, 2014, tradução minha).

Classificado muitas vezes como uma autoficção, já que o autor relata ou *reinventa* sua própria vida, sob a etiqueta de *romance*, expondo sua intimidade e a intimidade de seus próximos, como em uma sessão de psicanálise, *O fim de Eddy* alçou à celebridade um ficcionista

---

<sup>4</sup> Austryn Wainhouse deu à sua tradução de *Le livre blanc* o título *The White Paper* (1957). Uma retradução por Margaret Crosland (2001) traz o título *The White Book*. Neste artigo, optou-se por *The White Paper*, por se tratar da tradução mais consagrada.

<sup>5</sup> Na ficha referente a essa edição, que se encontra no catálogo *on-line* da Biblioteca Nacional de Portugal, não há identificação de tradutor.

<sup>6</sup> Em 2021, Matheus Pereira iniciou uma tradução desse romance, como trabalho de conclusão de curso, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da professora Juliana Gambogi.

<sup>7</sup> C’est en écrivant le récit de sa vie qu’Eddy Bellegueule, le surdoué, jeune boursier de 21 ans, a décidé de changer de nom. Eddy est devenu Edouard ; Bellegueule a laissé place à Louis, « le deuxième prénom de la personne que j’aime le plus au monde », explique-t-il, rougissant, assis dans un café tranquille du 11e arrondissement de Paris. Car Eddy Bellegueule, c’est lui. Un grand jeune homme, très mince, timide. C’était. Le changement d’état civil, il l’a fait en même temps qu’il rédigeait ce premier roman. (SIMON, 2014)

estreado que adotou oficialmente o nome Édouard Louis, sem deixar de assumir, em entrevistas, que Eddy era ele. Mas esse seu primeiro romance não foi o seu primeiro livro. Louis havia organizado a publicação, no ano anterior (2013), de um livro acadêmico de ensaios sobre a herança e influência teórica do consagrado sociólogo francês Pierre Bourdieu. Os estudos realizados no campo da sociologia podem ter aguçado em Louis a percepção da realidade social em que crescera, na cidadezinha de Hallencourt, no norte da França. Uma cidadezinha que, no romance, é mostrada como um cenário de pobreza, machismo, racismo e homofobia, ou seja, um cenário de violências.

Contrariamente a *O livro branco*, desde a sua primeira edição, com tiragem de dois mil e quinhentos exemplares, pela importante editora francesa Seuil, *O fim de Eddy* (*En finir avec Eddy Bellegueule*) teve grande repercussão, muito além das relações pessoais de seu autor, que recebeu, por esse livro, o prêmio Pierre Guénin, dado a uma pessoa, grupo ou projeto que tenha contribuído significativamente para a luta contra a homofobia. Em Portugal, o romance de Édouard Louis foi publicado pela Fumo Editora, ainda em 2014, com o título *Acabar com Eddy Bellegueule*, na tradução de António Guerreiro. No Brasil, *O fim de Eddy*, na tradução de Francesca Angiolillo, para Tusquets Editores, chegou às livrarias em 2018. Além disso, o romance não demorou a ser *adaptado* para o cinema, pois três anos após sua publicação na França, o filme *Marvin ou la belle éducation*, dirigido por Anne Fontaine já podia ser visto na grande tela. Apesar do título e dos acréscimos que mostram o personagem adulto, esse filme é, sim, uma adaptação de *O fim de Eddy*, tanto que, para a sua realização, foi necessário um contrato de cessão de direitos, assinado por Édouard Louis, como relata a diretora (FONTAINE, 2018).

Oitenta e seis anos separam as primeiras edições de *O livro branco* e *O fim de Eddy*. O primeiro publicado no Entreguerras, na época em que as vanguardas artísticas ainda faziam de Paris a capital cultural do mundo. O segundo foi lançado na segunda década de um século que já nasceu sob as múltiplas conexões da Internet e a urgência das pautas identitárias. Ambos escritos por autores sabidamente homossexuais, que consideraram essa questão como importante ao abordá-la frontalmente em suas obras.

### 3 “Ser e parecer ser”

*O fim de Eddy* é dedicado ao filósofo e sociólogo francês Didier Eribon, de quem Édouard Louis foi aluno e se tornou amigo. Em suas *Reflexões sobre a questão gay*, Eribon (2008) faz considerações sobre a injúria dirigida aos homossexuais, sobre a fuga necessária destes do campo para a cidade, sobre as relações de classes sociais e identitárias, sobre o tempo de autopercepção da homossexualidade e também sobre as reivindicações desse modo de ser, questões que guiarão esta análise comparada de *O livro branco* e *O fim de Eddy*.

Segundo Eribon, “ainda que isso não permita explicar a totalidade e a multiplicidade das experiências homossexuais, é sabido que inúmeros relatos tendem a mostrar que a ‘orientação sexual’, para um grande número de *gays* e *lésbicas*, remonta aos anos da primeira infância.” (p. 121). E ele cita justamente a primeira frase de *O livro branco*: “Por mais atrás que eu volte, e mesmo na idade em que o espírito ainda não influencia os sentidos, encontro rastros do meu gosto por rapazes.” (COCTEAU, 2010, p. 21). Essa manifestação inicial de uma autopercepção do desejo homoerótico dá ao romance a direção na qual o narrador-personagem levará o leitor. Édouard Louis também abre a sua obra evocando a infância: “De minha infância não guardo nenhuma lembrança feliz.” (p. 13). Mas é mais adiante que sua autopercepção como diferente é expressa no livro:

Eu logo destruí as esperanças e os sonhos do meu pai. O problema foi diagnosticado já nos meus primeiros meses de vida. Parece que eu nasci assim, ninguém jamais entendeu a origem, a gênese, de onde vinha essa força desconhecida que se apossou de mim desde o meu nascimento, fazendo-me prisioneiro de meu próprio corpo. Assim que comecei a me expressar, a entrar na linguagem, minha voz espontaneamente adquiriu entonação feminina. (LOUIS, 2018, p. 23)

Construídas na primeira pessoa do singular, a partir de um trabalho da memória, ao menos concebidas para dar esse efeito, as narrativas de Cocteau e Louis se aproximam nesse ponto em que seus personagens homossexuais tentam localizar no tempo, na primeira infância, o surgimento de suas particularidades. A diferença de idade dos autores no momento da escrita, no entanto, reflete a diferença do tempo diegético nas duas obras. Quando escreveu *O livro branco*, Cocteau tinha trinta e oito anos e seu personagem chega à idade adulta. Já Louis tinha apenas vinte anos, quando escreveu *O fim de Eddy*, que termina com Eddy no ensino médio.

Os dois romances se diferem, também, sobre as classes sociais de seus personagens. Nascido em uma família pobre e interiorana, Édouard Louis revela o mundo de uma classe popular muito desfavorecida, com acesso limitado à educação e nenhum à cultura erudita ou de prestígio, reduzido apenas à televisão, a poucos bares dos arredores e a vídeos pornográficos. Jean Cocteau, por sua vez, cresceu no seio da alta burguesia parisiense e seu personagem-narrador de *O livro branco* é um herdeiro, cujo pai tem um pequeno castelo e “criados”, frequenta o prestigioso liceu Condorcet, em bairro chique de Paris, e cita, por exemplo, Boileau, Thomas Quincey, Rimbaud e o romance *Satiricon*, de Petronônio. Porém, como assinala Didier Eribon, encontra-se uma “imbricação entre a cultura da ‘elite’ e a das classes populares na vida – e, com frequência, na obra – de numerosos autores dos quais se pode dizer que tiveram um papel importante na emergência de uma fala homossexual no século XX.” (p. 255). Esse parece ser também o caso de Cocteau, que algumas vezes rompeu fronteiras de classe em suas relações amorosas, e de seu personagem, que manifesta suas fantasias eróticas pelo “criado” do castelo de seu pai, pelo filho do granjeiro da quinta vizinha, por um cigano ou, ainda, por um michê. Eddy, ao contrário, permanece em seu meio de origem até a partida para o internato do liceu, em Amiens, cidade de porte médio e capital da sub-região em que se localiza Hallencourt, mas não tem, no romance, tempo hábil para desenvolver efetivamente alguma relação íntima com seus novos colegas de classe média, como teve o seu criador Édouard Louis.

A mudança de Hallencourt a Amiens é, para Eddy, a chance de entrar em outro mundo, que não o de sua família, um mundo onde “os garotos se cumprimentam com beijos, não com apertos de mão”, onde “eles usam bolsas de couro” e “têm traços delicados”. (p. 171). Didier Eribon diz “que um dos princípios estruturantes das subjetividades *gays* e *lésbicas* consiste em procurar os meios de fugir da injúria e da violência, que isso costuma passar pela dissimulação de si mesmo ou pela emigração para lugares mais clementes.” (p. 31). As capitais, cidades grandes, cosmopolitas ou mais desenvolvidas seriam, segundo o filósofo e sociólogo, aquelas onde as redes de sociabilidade se mostram mais acolhedoras para os *gays* e as *lésbicas*. Em *O livro branco*, vários deslocamentos também são propícios à vivência dos desejos homoeróticos. Primeiramente do campo a Paris: “Lá, os sentidos despertavam sem peias e cresciam como



uma erva daninha.” (p. 25). Depois, às cidades portuárias de afamado apelo erótico, como Toulon e Marselha, mas também a Tunísia.

A procura por um lugar onde se possa ser quem se é ou quem se deseja ser leva à importante questão dessa “dificuldade de ser”, para citar Cocteau (2015). Didier Eribon (2008) observa a contradição de duas instituições, o exército americano e a igreja católica, diante dessa questão. Nos dois casos, os homossexuais seriam admitidos, mas não a homossexualidade. Ou seja, o homossexual seria acolhido, desde que não dissesse ser homossexual, pois o dizer poderia pressupor a intenção de praticar atos homossexuais. Logo, o problema não seria *ser*, mas *fazer*. Ora, não seria o desejo de fazer ou o próprio fazer o que revela o ser? Em *O fim de Eddy*, essa questão se apresenta de forma ainda mais complexa. Eddy é surpreendido por sua mãe, em um depósito de lenhas do vilarejo, no momento em que fazia sexo anal com seu primo Stéphane, enquanto dois amiguinhos, Bruno e Fabien, faziam o mesmo ao lado. A chegada de sua mãe marca a interrupção de uma *brincadeira* recorrente e, tempos depois, o fato é relatado de forma um pouco distorcida pelo seu primo aos colegas de escola. Eddy passa a ser insultado pelos garotos com quem convive e tenta compreender o porquê de somente ele ser submetido às injúrias:

Tínhamos sido nós dois, nós quatro, na verdade, contando Bruno e Fabien. Mas a participação deles nos encontros no depósito jamais fora evocada. Eu não podia falar nada, por medo das consequências, e eu sabia que aquela delação seria vã, que eles teriam sido, como Stéphane, poupados. O lógico teria sido ele também ser chamado de *bicha*. O crime não era fazer, mas ser. E, sobretudo, *parecer ser*. (LOUIS, 2018, p. 129, destaque do autor)

Parecer ser e identificar-se, eis como a questão se coloca em *O livro branco*:

O pederasta reconhece o pederasta como o judeu o judeu. Adivinho-o sob a máscara e encarrego-me de o descobrir nas entrelinhas dos livros mais inocentes. É uma paixão menos simples do que os moralistas imaginam. Tal como existem mulheres pederastas, mulheres que parecem lésbicas mas procuram os homens adotando o comportamento próprio dos homens que as procuram, há pederastas que se ignoram e até ao fim vivem num mal-estar confundido com uma saúde débil ou um feitio taciturno. Sempre pensei que o meu pai era demasiadamente parecido comigo para diferir de mim neste ponto capital. (p. 24-25)

Se Édouard Louis questiona quem faz, mas não parece ser, Jean Cocteau desconfia de quem não faz, mas parece ser e lança a dúvida sobre seu próprio pai, que se suicidou quando Cocteau não tinha ainda completado nove anos de idade. Milorad (1981) considera que o pai do narrador de *O livro branco* é inspirado em Georges Cocteau, pai do escritor, que, como o filho, também era desenhista e pintor. O mal-estar do personagem do pai, como o de Eddy, um originado no *ser*, ainda que não consciente; o outro alimentado pelas injúrias e exclusões sofridas por aquele que além de *ser*, *parece ser*, revela uma “melancolia”, que para Didier Eribon, é “constitutiva da formação do ‘eu’ [moi] homossexual.” (p. 54, destaque da tradutora).

É curioso que nessa busca de si os protagonistas de *O livro branco* e *O fim de Eddy*, embora tivessem uma precoce consciência do que *eram*, passem ambos por experiências íntimas com mulheres. Eddy namorou Sabrina, mesmo evitando um contato muito íntimo com ela, mas antes dela namorou Laura.

Certa vez, enquanto eu beijava Laura no pátio, um calor suave surgiu no meu baixo-ventre. Eu senti meu sexo enrijecer, e quanto mais Laura e eu prolongávamos o beijo, mas [sic] meu sexo se erguia. Eu experimentava o desejo: desejo que se manifestava fisicamente, impossível de imitar, de fingir. Eu ficava de pau duro, como com meus *companheiros* no depósito, como os homens nos filmes pornôns que meu pai assistia no seu quarto, meu pai, que, ao se retirar, especificava *Vou pro quarto ver um filme de foda, não venham me encher*. Eu nunca tinha ficado de pau duro com uma garota. Vi nisso a concretização do meu projeto: meu corpo se dobrava à minha vontade. A gente nunca deixa de desempenhar papéis, mas existe apesar disso uma verdade das máscaras. A verdade da minha era essa vontade de ter uma existência diferente. (LOUIS, p. 137, destaques do autor)

O namoro com Laura foi uma maneira de impressionar os colegas do colégio. Com Sabrina foi por influência da irmã mais velha de Eddy. Similarmente, o narrador-personagem de *O livro branco* acompanha seus colegas de colégio a prostíbulos:

Ao correrem para a sua verdade, arrastavam-me até a mentira. Achei que a minha repulsa se devia à ignorância. Admirava-lhes a desenvoltura. Esforçava-me por seguir o seu exemplo e partilhar os seus entusiasmos. Via-me continuamente obrigado a vencer vergonhas. Uma tal disciplina acabou por me tornar a tarefa bastante fácil. (p. 30-31)

Há Jeanne, que o enganava com Berthe, e Rose, que lhe apresentou seu falso irmão Alfred: “Se a encosta que me levava à irmã subia um pouco, facilmente se adivinha como esta, que me desceu até o irmão, era a pique.” (p.36). Há ainda S., uma moça que o “agradava por ter um ar arrapazado” (p. 64). Percebe-se que Cocteau concretiza em seu personagem-narrador a experiência do *modelo teórico* que este já havia exposto ao falar de seu pai: a inversão de gêneros. Aliás, esse tema foi abordado por Cocteau em outras obras também, o que revela certa constância temática. Assim como Édouard Louis, em seu segundo romance, *Histoire de la violence* (2016), continua na linha autoficcional e, logicamente, expõe suas vivências homossexuais, desta vez em Paris.

As últimas frases de *O fim de Eddy* já sinalizam uma transição para outro momento de sua vida *gay*: “Estamos no corredor, na frente da porta cento e dezessete, esperando a professora, Madame Cotinet. Alguém chega, Tristan. Ele me interpela *E aí, Eddy, continua a mesma bichinha de sempre?* Os outros riem. Eu também.” (p.173, destaque do autor). Édouard Louis opta, então, por um final com ares de superação de um personagem que começara seu relato dizendo ter tido uma infância completamente infeliz, mas que aprende, depois, a *ressignificar* as injúrias sofridas.

Jean Cocteau, que, como já dito, não assinou seu livro, segue uma via mais reivindicativa. Inicia seu romance evocando a autopercepção de sua homossexualidade e o termina reafirmando sua condição de homem homossexual diante de uma sociedade preconceituosa e injusta:

Um vício da sociedade faz da minha rectidão um vício. Retiro-me. Por causa dos costumes de Cambacérès e da longevidade do Código Napoleão este vício, na França, não conduz ao cárcere. Não aceito, porém, que me tolerem. Isso fere o meu amor ao amor e à liberdade. (COCTEAU, 2010, p. 68)

De uma forma ou de outra, se “no começo, há a injúria, aquela que todo *gay* pode ouvir num momento ou outro da vida, e que é o sinal de sua vulnerabilidade psicológica e social”, como diz Didier Eribon (p. 27), é na luta que se fortalece. Nesse sentido, as escritas de Édouard Louis e de Jean Cocteau se configuram como um verdadeiro combate.

#### 4. Considerações finais

A alta abrangência do conceito de homoerotismo, que pode abarcar todos os períodos históricos (BARCELLOS, 2002), logicamente não exclui “a questão *gay*” (ERIBON, 2008). Aliás, o homoerotismo parece conter e, ao mesmo tempo, estar contido nas questões que envolvem obras como *O livro branco*, de Jean Cocteau (2010), e *O fim de Eddy*, de Édouard Louis (2018). Quase um século distantes um do outro, esses dois romances, quando analisados na perspectiva das afinidades LGBTQIA+, se mostram bem mais próximos do que se pode pensar à primeira vista. As origens socioeconômicas e culturais tão diversas de seus autores e os seus diferentes contextos de publicação não apagam a convergência tornada possível pela escolha de uma escrita de si, já que os desejos (e ou vivências) homoeróticos de Jean Cocteau e Édouard Louis alimentam suas narrativas, e as situam nos campos autobiográficos e autoficcionais.

Da injúria que define à reivindicação do direito de *ser*, passando pela autopercepção e autoafirmação, um personagem homossexual, assim como um autor homossexual, não pode escapar ao apelo identitário dos seus desejos. E isso evidencia o fato de que um ato criativo, todo ato criativo é gerador de responsabilidades para com o mundo, afinal, a literatura, mesmo quando não *parece ser*, é sempre um ato político. Que *O livro branco* e *O fim de Eddy* tenham seus lugares de direito na grande biblioteca LGBTQIA+.

Resta saber o porquê de *O fim de Eddy* ter sido traduzido em Portugal e no Brasil, enquanto *O livro Branco* teve sua publicação em língua portuguesa apenas em Portugal.

#### Agradecimentos

Fico agradecido a Alessandro Palermo Funari, pela versão em língua inglesa do resumo deste artigo.

#### Referências

BARCELLOS, J. C. Literatura e Homoerotismo Masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. In: SOUZA JUNIOR, J. L. de (org.). **Literatura e Homoerotismo: Uma Introdução**. São Paulo: Scortecci, 2002. p. 13-66.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL (Digital). **Catálogos**. Disponível em: <http://www.bnportugal.gov.pt/>. Acesso em: 5 jul. 2021.

COCTEAU, J. **Le livre blanc**. Paris: Persona, 1981.

COCTEAU, J. **A dificuldade de ser**. Trad. Wellington Júnio Costa. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COCTEAU, J. **O livro branco**. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

COCTEAU, J.; MARITAIN, J. **Correspondance 1923-1963**. Paris: Gallimard, 1993.

COSTA, W. J. **Jean Cocteau**: a construção do eu no desenho, na literatura e no cinema. Uma análise ‘transartística’. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Trad. Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FERNANDES, A. Apresentação. In: COCTEAU, J. **O livro branco**. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010. p. 7-20.

FONTAINE, Anne. Anne Fontaine: d’Eddy Bellegueule à Marvin. Marc-André Lussier. **La Presse**, 26 mar. 2018. Disponível em: <https://www.lapresse.ca/cinema/nouvelles/entrevues/201803/26/01-5158745-anne-fontaine-deddy-bellegueule-a-marvin.php>. Acesso em: 04 jul. 2021.

LINARÈS, S. Le livre blanc. In: COCTEAU, J. **Œuvres romanesques complètes**. Paris: Gallimard, NRF, 2006, p.1007-1012.

LOUIS, É. **En finir avec Eddy Bellegueule**. Paris: Seuil, 2014.

LOUIS, É. **Histoire de la violence**. Paris: Seuil, 2016.

LOUIS, É. **O fim de Eddy**. Trad. Francesca Angiolillo. São Paulo: Tusquets Editores/ Planeta do Brasil, 2018.

MILORAD. Introduction. In: COCTEAU, J. **Le livre blanc**. Paris: Persona, 1981. p. 9-23.

SIMON, C. Eddy se fait la belle. **Le Monde**, Livres – Critique littéraire, Paris, 16 jan. 2014. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/livres/article/2014/01/16/eddy-se-fait-la-belle\\_4348681\\_3260.html](https://www.lemonde.fr/livres/article/2014/01/16/eddy-se-fait-la-belle_4348681_3260.html). Acesso em: 04 jul. 2021.

SOUZA, W. M. de. **Homoerotismo em foco**. Joinville: Clube de autores, 2013.

Recebido em: 05.07.2021

Aprovado em: 03.04.2022